

Cardoso e Scalco rebelam-se contra decisão de Ulysses



Isabel Cristina

O senador Fernando Henrique Cardoso deixa a casa de Ulysses Guimarães

Da Sucursal de Brasília

Um grupo de parlamentares de centro-esquerda do PMDB rebelou-se ontem contra a decisão do deputado Ulysses Guimarães (SP) de apoiar o pacto político proposto pelo presidente José Sarney. "O que o Sarney quer é a nossa capitulação, estão querendo destruir o partido", disse o senador Fernando Henrique Cardoso (SP) a Ulysses, ontem à noite, à frente de uma dúzia de deputados do partido que foi à casa do presidente do PMDB protestar contra sua posição, anunciada no domingo.

A reunião começou às 17h25 e terminou às 20h55. "Vimos aqui para falar com o dr. Ulysses e dizer que esse negócio de que está tudo acertado com o Sarney não pode ser assim", disse Cardoso, junto ao líder interino no Congresso constituinte, deputado Euclides Scalco (PR), ambos da Executiva peemedebista que se reunirá amanhã. Ulysses respondeu que conversará "com todos os segmentos do partido".

A tarde, Scalco havia feito um violento ataque a Ulysses por suas declarações dadas antontem, nas quais afirmou que a Executiva decidiria pelo apoio. "O PMDB não pode ser vaca de presépio de abanar o rabo para qualquer proposta do governo".

Estiveram também na casa de Ulysses, os deputados Antônio Britto (RS), Virgildásio de Senna (BA), Egídio Ferreira Lima (PE), Artur da Távola (RJ), Fernando Gasparian (SP), Néelson Jobim (RS), Paulo Macarini (SC), Pimenta da Veiga (MG), Antônio Mariz (PB) e o senador Néelson Wedekin (SC).

Cardoso disse a Ulysses que trinta dos 45 senadores do PMDB já se comprometeram por escrito a não assinar o documento divulgado por Sarney na quarta-feira, base para sua proposta de pacto político.

Líderes se reúnem

Hoje, os quatro líderes do PMDB irão se reunir na hora do almoço para

discutir a posição do partido. Além de Scalco e Cardoso, deverão participar o líder na Câmara, Luiz Henrique (SC), e o líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna (BA).

Scalco criticou o fato de Ulysses, no domingo ter antecipado, em entrevista, o resultado da reunião da Executiva amanhã, que deverá ser favorável ao apoio a Sarney: "Não temos o direito de antecipar e atrapalhar a posição da Executiva".

Sistema de governo

O "xis da questão", como disse Scalco ontem, é o item do documento de Sarney que reafirma para si o mandato de cinco anos e o sistema presidencialista. Scalco, Cardoso e a maioria da "esquerda" do partido consideram inaceitável que o partido endosse esses itens.

Nesta hipótese, segundo Scalco, o PMDB estará contrariando a decisão da Convenção Nacional de julho, na qual os peemedebistas remeteram exclusivamente à sua bancada no Congresso constituinte a posição par-

tidária sobre esses assuntos. "Não podemos ser submissos à vontade do presidente", disse Scalco.

O senador José Richa (PMDB-PR) disse que o partido e o governo devem negociar um novo documento, sem a inclusão daqueles dois itens. "Esses são os dois pontos que dividem o partido, e um partido dividido não adianta ao governo", afirmou. Richa disse ainda que o parlamentarismo é a posição predominante da bancada do PMDB, "e a Executiva tem que interpretar isso".

Já o ministro da Administração, Aluizio Alves, disse que a Executiva deverá aprovar o documento do presidente, amanhã, praticamente sem alterações, especialmente nos itens presidencialismo e mandato.

O Movimento de Unidade Progressista (MUP), dissidência esquerdista do PMDB, admite até pedir a convocação extraordinária de uma nova convenção, caso a Executiva decida pelo apoio a Sarney. (Alexandre Polesi e Marcelo Xavier de Mendonça)

Governadores não querem confronto entre o seu partido e o presidente

Da Sucursal de Brasília

O deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte, foi pressionado pelos governadores do partido para evitar qualquer confronto com o presidente José Sarney e apoiar seu novo pacto político. Diante dessa resistência, Ulysses passou a articular o apoio ao governo, inclusive aliciando pessoalmente os membros da Executiva do partido, que tomará sua posição oficial a respeito amanhã.

A pressão maior foi dos governadores Orestes Quércia, Pedro Simon (Rio Grande do Sul), Waldir Pires (Bahia) e Moreira Franco (Rio). Eles argumentaram que um confronto com o presidente, agora, traria riscos à transição política.

Pires chegou a dizer a Ulysses que o PMDB deveria estar disposto a ceder não só na questão do mandato de cinco anos para Sarney como na manutenção, durante o atual mandato, do sistema presidencialista.

Quando constatou que não poderia contar com os governadores para um confronto com o presidente, Ulysses tomou o caminho contrário. Em conjunto com um grupo de parlamentares moderados do partido, passou a perseguir uma aproximação com Sarney, isolando, de um lado, os conservadores do Centro Democrático-

Para peemedebistas, sinais de apoio são nítidos

ROBERTO LOPES
Da Reportagem Local

Parlamentares peemedebistas ligados ao presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, vêm garantindo, desde a tarde de domingo, que tanto a presença de Ulysses, antontem, no almoço promovido em Brasília pelo senador Humberto Lucena (PMDB-PB), como as declarações que ele fez favoráveis a que seu partido reitera o apoio ao presidente da República, foram sinais nítidos de que Ulysses deseja se compor com José Sarney.

Ulyssista conhecido, o deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI) chegou a confidenciar a amigos que, se o presidente resolvesse precipitar uma reforma ministerial antes de seu embarque para Caracas (capital venezuelana) — marcado para quinta-feira —, Ulysses Guimarães pode-

ria, em sinal de protesto, recusar-se a substituí-lo durante os três dias da visita oficial à Venezuela. A rota do confronto foi desviada por uma manobra de Lucena — que Sarney e alguns políticos do PFL que privam de sua intimidade têm sinceramente leal ao Planalto — e do ministro da Administração, Aluizio Alves.

Os políticos do PMDB que vêm ouvindo essas confidências, chegam à conclusão de que a atitude de Ulysses faz sentido apenas com seu projeto de candidatar-se à sucessão de Sarney. Eles acreditam que o presidente do PMDB não usaria disputar a Presidência da República sem a máquina de seu partido no governo, e que, para manter a máquina peemedebista no governo, são necessários gestos como o do almoço de domingo passado, na casa de Lucena.

reunião conjunta, sobre o pacto presidencial, antes da reunião da Executiva de amanhã. Preferiram aguardar o resultado da Executiva, marcando sua reunião para o próximo sábado, no Rio. (AP)

Deputados aproveitam feriado para descansar e fazer contatos políticos

Da Sucursal

Apesar do feriado e da interrupção dos trabalhos na Comissão de Sistematização, o senador José Fogaça (PMDB-RS), 40, saiu de Porto Alegre às 6h da manhã de ontem de volta a Brasília. Ele havia chegado à capital gaúcha na noite de quinta-feira. Na sexta, reuniu-se com o governador Pedro Simon (PMDB), com quem conversou sobre a rolagem da dívida do Estado, situação política nacional e reiterou não ser candidato à Prefeitura de Porto Alegre. Sábado e domingo foram dias de poucos contatos políticos para Fogaça, que tem familiares na cidade.

O deputado federal Roberto Freire (PCB-PE), 45, que retorna hoje pela manhã a Brasília, chegou a Recife (PE) na noite de sexta-feira para participar no sábado da reunião do comitê estadual do Partido Comunista Brasileiro, preparatória para a reunião do comitê central do partido que será realizado no próximo fim-de-semana, em Brasília. Dois temas ocuparam as discussões: a atual conjuntura nacional e uma avaliação do governo José Sarney em face da futura reforma ministerial e da interferência do Palácio do Planalto no Congresso constituinte. A reunião, ocorrida durante todo o dia de sábado, ocupou as atenções do deputado, cotado para ocupar cargo de direção no comitê central, após a morte de Giocundo Dias. O deputado aproveitou o fim-de-semana prolongado para passar o sábado e domingo com a família. Ontem, dia da criança e feriado nacional (dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil), Roberto Freire, casado, pai de dois filhos, passou o dia na praia com a família, apesar do tempo nublado e chuvoso em Recife.

A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), 62, pretendia passar o fim-de-semana em Belém (PA) para assistir as comemorações do Cirio de Nazaré. Mas a ausência de passagens para os vãos fez com que a deputada desistisse da viagem. Sandra chegou ao Rio, vinda de Brasília, na noite de sábado e deveria voltar no último voo de ontem. Durante todo o dia de ontem, o telefone em sua casa no Rio era atendido por uma secretária eletrônica. A deputada passou o feriado na casa de uma prima em Petrópolis, a 66 km do Rio.

O deputado João Herrmann (PMDB-SP), 41, foi um dos poucos parlamentares que ficou em Brasília neste fim-de-semana prolongado. Ontem, ele acordou por volta das 10h e ficou em casa até as 15h, quando saiu para deixar os quatro filhos em uma academia de tênis e para receber um casal de amigos que vinha de Cuba. Antes de sair de casa, telefonou para o Instituto do Coração (Incor), em São Paulo, para se informar sobre o

No ritmo atual, Carta só sai em dezembro de 88

Da Sucursal de Brasília

Ninguém é capaz de fazer uma previsão exata quanto ao término dos trabalhos do Congresso constituinte. Em fevereiro, quando de sua instalação, falava-se que a promulgação da nova Constituição seria no último mês de setembro. Depois, adiou-se para 15 de novembro. Agora, estima-se, com otimismo, o mês de fevereiro, ou ainda abril. Mas se for mantido o atual ritmo de trabalho, a nova Constituição só ficará pronta daqui a um ano e dois meses, portanto, em dezembro de 1988.

Vencida a atual fase de votação do segundo substitutivo do deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator da nova Constituição, pelos 93 membros da Comissão de Sistematização, o projeto constitucional será discutido e votado pelos 559 constituintes. Esse é o principal complicador para se fazer um cálculo do término dos trabalhos, já que estão previstos dois turnos de votação com quarenta dias cada, intercalados por um prazo de dez dias para o relator adequar o texto.

Se os prazos da Comissão de Sistematização já foram protelados duas vezes, em face da morosidade dos trabalhos, ninguém arrisca um palpite para a fase da votação em plenário. Até o dia 28, a Comissão de Sistematização continua discutindo o projeto de Cabral. A previsão inicial esgotava-se em 8 de outubro.

Mesmo adiado, o prazo não será suficiente se for mantido o atual ritmo de votação. Em dezesseis sessões, a comissão aprovou apenas até o sexto artigo incompleto, de um total de 336 artigos. Nessa velocidade, a Comissão de Sistematização levaria quase um ano para esgotar a votação. Restando ainda todo o trabalho do plenário.

Se o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e do Congresso constituinte, resolver adiar, novamente, o prazo da comissão, o plenário começará a trabalhar no próximo dia 5 de novembro, até 15 de dezembro. Ao término dessa fase, Cabral tem, regimentalmente, dez dias para adequar o texto.

Ninguém acredita, entretanto, que esses quarenta dias sejam suficientes

A NOVELA DA VOTAÇÃO

<p>Data projetada para o término da discussão se mantido o atual ritmo de aprovação; o último dispositivo (*), parágrafo 3º do artigo 72º das Disposições Transitorias é o 1.641º do texto.</p> <p>3 / out. / 88</p>
<p>Data marcada pelo presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, para o término da discussão do substitutivo na Comissão de Sistematização</p> <p>28 / out.</p>
<p>Até onde o texto foi aprovado (inciso 13 do artigo 6º, ou seja, 87 dispositivos)</p> <p>9 / out.</p>
<p>Início da discussão do substitutivo na Comissão de Sistematização</p> <p>24 / set.</p>

O que foi aprovado
 O que falta aprovar

(* Para evitar distorções maiores na projeção, ao invés do número de artigos foi contabilizado o de dispositivos, ou seja, artigos, parágrafos, incisos e alíneas. A projeção foi feita com base nos dias corridos desde o início da votação até sexta-feira, dia em que o último dispositivo foi aprovado. Com base nesse cálculo, a discussão e votação do substitutivo apenas na Comissão de Sistematização consumiria 283 dias corridos.

Estudo dá como certo apoio a Sarney

Da Sucursal de Brasília

De acordo com levantamento feito pela Secretaria Geral do PMDB, o apoio da Comissão Executiva Nacional do partido ao presidente José Sarney está "assegurado". O deputado Milton Reis (MG), secretário-geral peemedebista, faz as seguintes previsões: dos quinze membros da Executiva, que se reúne amanhã, pelo menos nove votarão a favor do apoio ao presidente e quatro se manifestarão contra. Há "dúvidas" em relação à posição de dois parlamentares: Walmar de Luca (SC) e Fernando Cunha (GO).

Os cálculos de Reis só puderam ser "fechados" após encontro que teve com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, na última sexta-feira. No seu levantamento, os integrantes da Executiva do PMDB são distribuídos da seguinte forma:

1 — Ulysses: Vota a favor do apoio do partido ao governo Sarney. Exercer influência sobre pelo menos cinco membros da Executiva;

2 — Luiz Henrique (líder do partido na Câmara): É um dos que acompanham a posição de Ulysses;

3 — Fernando Henrique Cardoso (líder do partido no Senado): Tem posição independente. Vota contra o apoio a Sarney.

4 — Euclides Scalco (1º secretário e líder interino no Congresso constituinte): A exemplo de Fernando Henrique, é independente, embora tenha posições políticas próximas às do senador Mário Covas, líder licenciado do PMDB na Constituinte. Vota contra;

5 — Maria da Conceição Tavares (2ª secretária): Costuma acompanhar as posições defendidas por Ulysses. Vota a favor;

6 — Mauro Benevides (1º tesoureiro): Também tem adotado posições semelhantes à de Ulysses;

7 — Walmar de Luca (2º tesoureiro): Sua opinião não é conhecida por Milton Reis. Ele integra a ala esquerda do partido;

8 — Francisco Pinto (Vogal): Vota contra;

9 — Roberto Cardoso Alves (vogal): É muito ligado a Sarney. Não costuma adotar posições que contrariem o Palácio do Planalto;

10 — Heráclito Fortes (vogal): É um dos integrantes da chamada turma do "poire", denominação dada aos amigos íntimos de Ulysses Guimarães. Vota a favor;

11 — João Gilberto (vogal): Ex-deputado, João Gilberto vota contra;

12 — Geraldo Fleming (suplente): Integra o Centro Democrático, que decidiu apoiar o documento com o programa mínimo elaborado por Sarney antes mesmo que a Executiva do PMDB se manifestasse oficialmente. Vota a favor;

13 — Plínio Martins (suplente): É ligado ao governador Marcelo Miranda, do Mato Grosso do Sul, que não nega apoio a Sarney;

14 — Fernando Cunha (suplente): Embora ache que o voto de Cunha deve ser a favor do apoio do PMDB a Sarney, Milton Reis prefere não "bater o martelo";

15 — Márcio Braga (suplente): Vota a favor.

A aprovação do apoio a Sarney é dada como "certa" por Milton Reis. A discussão passaria a ser, então, se os peemedebistas devem ou não assinar o programa de Sarney.

estado de saúde do embaixador nicaraguense, Jorge Molieri.

No fim da tarde, teve um encontro com o embaixador de Cuba, Jorge Bolaños. O encontro durou mais do que o previsto e ele não pôde levar os filhos para o cinema, como havia prometido.

O deputado Manoel Moreira (PMDB-SP), 38, que é candidato a prefeito de Campinas, aproveitou o feriado para fazer contatos políticos e organizar sua campanha para 1988. "Ontem [domingo] e hoje [ontem] eu me dediquei a contatos com vereadores, líderes da cidade, amigos, estruturando a campanha para o ano que vem", disse ele, pelo telefone.

Moreira disse que esses contatos foram feitos sem que ele saísse de casa, pois se mantinha "ligado às questões da região e também de Brasília, onde diversos companheiros estiveram discutindo o momento político e como vamos respaldar o presidente Sarney na próxima quarta-feira". "Político não tem descanso", disse Moreira. "Enquanto descanso, carrega pedra".